



## ARTIGOS / ARTICLES

---

### **A PROPOSTA DO PAPA FRANCISCO PARA O SÍNODO PAN-AMAZÔNICO DE 2019: SINODALIDADE, MISSÃO, ECOLOGIA INTEGRAL <sup>1</sup>**

*Pope Francis' Proposal for the 2019 Pan-Amazonian Synod: Synodality, Mission, Integral Ecology*

Paulo Suess<sup>2</sup>

**RESUMO:** O magistério do Papa Francisco gira em torno de três eixos: a sinodalidade como método, a missão como relevância do ser cristão para o mundo e a ecologia integral como horizonte de responsabilidade para o futuro da humanidade. No texto que segue, o Autor perscruta esse magistério em vista do “Sínodo para a Amazônia” a ser realizado em outubro de 2019, em Roma. O papa justificou a convocação desse Sínodo Pan-Amazônico com o pedido de algumas Conferências Episcopais da América Latina, de Pastores e fiéis de outras partes do mundo. O Sínodo Pan-Amazônico é dedicado à preservação de um bioma com seus habitantes e tem como ponto de partida o imenso território do qual fazem parte nove países: Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana Francesa e Brasil. Ao mesmo tempo, esse sínodo tem um horizonte planetário, já que Amazônia, que é considerada pulmão do mundo, está hoje com uma pneumonia aguda (DAp, n. 475).

**PALAVRAS-CHAVE:** Sinodalidade. Missão. Ecologia. Amazônia. Igreja local.

**ABSTRACT:** Pope Francis' magisterium revolves around three axes: synodality as a method, the relevance of the Christians' mission to the world, and integral ecology as the horizon of responsibility for the future of humankind. In the following text,

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte de uma série de entrevistas e textos do autor em torno do “Sínodo para a Amazônia”, publicados por IHU/Unisinos (11.05.2018 e 22.06.2018), *Convergência* (Out. 2018), *O Mensageiro de Santo Antônio* (Jan./Fev. de 2019) e *Concilium* (2019/1).

<sup>2</sup> Instituto São Paulo de Estudos Superiores, São Paulo, São Paulo, Brasil (Professor emérito).

the author examines this magisterium in the context of the Pan-Amazonian Synod to be held in October 2019, in Rome. The Pope justified summoning this Synod based on requests that came from some Conferences of Latin American Bishops, as well as pastors and believers from other parts of the world. The Pan-Amazon Synod will be dedicated to the preservation of biomes and their inhabitants, starting with an immense territory comprising nine countries: Bolivia, Colombia, Ecuador, Peru, Venezuela, Suriname, Guyana, French Guiana and Brazil. This Synod will also have a planetary horizon, since the Amazon, considered the world's lungs, is presently suffering from acute pneumonia (Dap, n. 475).

**KEY-WORDS:** Synodality. Mission. Ecology. Amazon. Local Church.

## *Introdução*

O Concílio Vaticano II (1962-1965) diminuiu a distância entre modernidade europeia com seus pilares de racionalidade, historicidade e subjetividade, e a Igreja católica, até então orientada mormente por sua tradição naturalizada e doutrina pré-moderna, e desafios pastorais. No Brasil, o tempo pós-conciliar da segunda metade do século XX, foi por 25 anos marcado por governos militares que se propuseram, com a “integração da Amazônia” ao território nacional, abrir essa Amazônia para as “conquistas da civilização” e o mercado, cuidando “do povoamento e do desenvolvimento” (CASTELLO BRANCO, 1965). Na realidade, tratou-se de uma nova avalanche de colonização, sem discussão das prioridades políticas dessa modernização com a população local. A própria Igreja católica, em muitas situações da época uma instância de protesto contra os excessos dos binômios de “ordem e progresso” e “ditadura e desenvolvimento”, continuou com sua presença colonial, longe de apresentar um rosto amazônico ou indígena, como é a proposta do “Sínodo para a Amazônia”.

Na esfera política, a passagem, nesses últimos 50 anos, de um regime autoritário militar para um regime democrático não produziu transformações substanciais no reconhecimento da subjetividade da Amazônia. Os diferentes governos dessa época continuaram a submeter suas políticas às prioridades dos mercados internos e externos do país. Decisões sobre hidrelétricas, monoculturas, agropecuária, desmatamentos, mineração e redes viárias não foram discutidas com a população regional. Continuaram as políticas que consideravam a Amazônia um celeiro inesgotável e sem dono em detrimento dos projetos de vida da população local. O Papa Francisco nos advertiu que “o desaparecimento de uma cultura pode ser tanto ou mais grave do que o desaparecimento de uma espécie animal ou vegetal” (LS, n. 145).

O Vaticano II, marcado por questões e desafios sentidos por seus setores hegemônicos europeus, promulgado como “Concílio Ecumênico”, quer di-

zer, universal, era um ponto de partida. Procurou assumir a universalidade na pluralidade inscrita na catolicidade. Porém, por causa de seu caráter europeu e romano, o Concílio assumiu originalmente uma universalidade parcial cuja desconstrução, com a eleição do jesuíta argentino Jorge Mario Bergoglio, no dia 13 de março de 2013, como Papa Francisco, recebeu um caráter oficial e uma configuração doutrinal tradicional renovada pelo paradigma da sinodalidade.

Nos primórdios da Igreja, a assunção da diversidade sociocultural e histórica dos “adeptos do Caminho” (At 9,2) que constituíram o novo povo de Deus, foi uma consequência de sua missão e uma condição de seu crescimento. O batismo e a missão a serviço do mundo unem os peregrinos do Caminho no Caminho, que é Jesus. O Documento de Aparecida (2007) sintetizou essa complexa realidade teológica numa frase lapidar: “O Concílio Vaticano II estabelece o sacerdócio ministerial a serviço do sacerdócio comum dos fiéis, e cada um, ainda que de maneira qualitativamente diferente, participa do único sacerdócio de Cristo” (DAp, n. 193; LG). Na Igreja, a sinodalidade é vivida a serviço da missão que, por sua vez, é tarefa de todo o povo de Deus.

A Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica, que o Papa Francisco convocou no dia 15 de outubro de 2017, tem, pela indicação geográfica do tema (“Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia integral”), o rosto de uma assembleia regional. Na realidade, será um sínodo universal pela abrangência ampla proposta pelo tema, que articula a região amazônica, considerada “pulmão do mundo” para os desafios ecológicos do planeta Terra, com uma questão essencial para a Igreja católica: sua descolonização universal que exige novos caminhos teológicos e pastorais em sua prática litúrgica e estrutura ministerial.

Pelo “Sínodo para a Amazônia” o Papa Francisco procura entrelaçar três fios essenciais de seu pontificado num cabo marítimo forte para puxar o barco de São Pedro pelas águas agitadas do século XXI: a sinodalidade como herança metodológica, a missão como relevância da Igreja no mundo atual e a ecologia integral como responsabilidade para as futuras gerações

- Primeiro, o fio da sinodalidade, testado, como método, durante vários sínodos pós-conciliares, agora com foco menos formal e mais prático e teológico-pastoral. Na Exortação apostólica pós-sinodal “*Amoris laetitia*: sobre o amor na família”, o Papa Francisco aponta para o imperativo do “caminho sinodal” (AL, n. 2; 4; 7; 50) que praticamente sempre mostra “a necessidade de desenvolver novos caminhos pastorais” (AL, n. 199). Os aprendizados da sinodalidade, a assunção dos projetos de vida em sua pluralidade e o exercício da autoridade como serviço, “poderão ajudar também a sociedade civil a edificar-se na justiça e na fraternidade” (Fr.DS).

- Segundo, o fio da relevância do “anúncio do Evangelho no mundo atual”, a missão. “A expressão da verdade pode ser multiforme” (EG, n. 41), porque é “a totalidade do povo de Deus que evangeliza” (EG, n. 17c) como “Igreja em saída missionária”, que luta pela “inclusão social dos pobres” e “a paz”, através do “diálogo social” (EG, n. 17a, e, f). A relevância do anúncio no mundo atual exige uma “santa ousadia de buscar novos caminhos” (EG, n. 288).

- Terceiro, o fio da responsabilidade ecológico-pastoral. A “ecologia integral”, como dimensão da vida, nos mostra “até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, e empenho na sociedade e a paz interior” (LS, n. 10). Essa responsabilidade não é uma solidariedade antropológica opcional. Por ser cósmica e reconhecer a subjetividade da natureza, exige, em função do futuro da humanidade, uma nova visão do progresso e do desenvolvimento de “uma verdadeira cultura do cuidado do meio ambiente” (LS, n. 229) que nos faz sentir “que precisamos uns dos outros” (LS, n. 229). A *Laudato Si'* nos lembra que existem “ligações mútuas entre todos” (LS, n. 5) e tudo, entre Deus, a humanidade e a natureza. Esse saber faz parte do nosso Credo e querigma missionário, “que brota do mistério da Trindade” (LS, n. 240).

A proposta do Papa Francisco para o Sínodo da Amazônia está fincada, basicamente, em três esteios de seu ministério petrino: Na “Constituição Apostólica *Episcopalis communio* sobre o Sínodo dos Bispos” (15.09.2018), na “Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual” (24.11.2013) e na “Carta Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum” (24.05.2015).

## ***1 Sinodalidade como método***

Em seu discurso por ocasião da comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, dia 17 de outubro de 2015, o Papa Francisco qualificou o Sínodo como uma “dimensão constitutiva da Igreja. [...] Igreja e Sínodo são sinônimos” (Fr.DS; EC, n. 6). A sinodalidade é “um dos legados mais preciosos da última sessão conciliar. [...] O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (Fr.DS).

Desde o início de seu pontificado, o Papa Francisco sublinhou a necessidade de complementar a “colegialidade episcopal” do Concílio com a “Igreja toda sinodal” que compreende “sinodalidade” não somente entre os bispos, mas “com todo o povo de Deus”. Assim, a “colegialidade episcopal”, compreendida como “colegialidade afetiva” se torna “colegialidade efetiva”, que “une os Bispos entre si e com o Papa na solicitude pelo e com o Povo de Deus” (Fr.DS).

Em sua entrevista programática com Antonio Spadaro, logo no início de seu pontificado, e em seu discurso comemorativo, do dia 17 de outubro de 2015, o Papa Francisco deu as primeiras indicações sobre seu entendimento da sinodalidade, sobre sua articulação com o ministério petrino e o movimento ecumênico: “Estou convencido de que, numa Igreja sinodal, também o exercício do primado petrino poderá receber maior luz. O Papa não está sozinho, acima da Igreja; mas, dentro dela, como batizado entre batizados” (Fr.DS). “Devemos caminhar juntos: as pessoas, os Bispos e o Papa. [...] Talvez seja tempo de mudar a metodologia do sínodo, porque a atual parece-me estática” (SPADARO, 2013, p. 24). O Sínodo para a Amazônia terá essa tarefa de reconfigurar a sinodalidade praticada durante os primeiros dois milênios da história da Igreja e que no tempo pós-conciliar perdeu algo de sua dinâmica participativa e sinérgica (CTI, n. 11-41).

Naquela comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, o Papa Francisco aproveitou o Sínodo dos Bispos sobre “A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo” para expor, já na reta final desse sínodo, num discurso programático, sua visão sobre novas prioridades na prática sinodal (Fr.DS). Para os redatores do “Relatório Final”, entregue uma semana depois (24.10.2015) ao Santo Padre, e também para alguns padres sinodais, as prioridades do Papa chegaram tarde e deveriam ter uma forma mais canônica.

Três anos mais tarde, a Cúria Romana e o Papa, através da “Constituição Apostólica *Episcopalis Communio* sobre o Sínodo dos Bispos”, responderam a esse desejo. No dia 15 de setembro de 2018, data comemorativa da instituição do Sínodo dos Bispos por Paulo VI, em 15 de setembro 1965, o Papa Francisco introduziu algumas reformas na prática sinodal da Igreja através da “Constituição Apostólica *Episcopalis Communio* (EC)”. Para o Sínodo da Amazônia, convocado no dia 15 de outubro de 2017 para outubro de 2019, a *Episcopalis Communio* ainda chegou em boa hora. Quais são suas prioridades relevantes que podem dar rumo e legitimidade eclesial para propostas corajosas e para a própria temática do sínodo da Amazônia: “Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”? A *Episcopalis Communio* propõe cinco tarefas elementares na hermenêutica e prática da sinodalidade:

- a missionariedade como desdobramento da Igreja sinodal (EC, n. 1),
- o serviço episcopal como tarefa de mestres e discípulos (EC, n. 5),
- a escuta do Espírito Santo na escuta de todos os batizados (EC, n. 5),
- a inclusão do povo de Deus como sinodais através de amplas consultas (EC, n. 6) e
- o discernimento inculturado na realização das propostas do sínodo (EC, n. 7).

1. Pela sinodalidade renovada, o Papa Francisco introduz a Igreja numa “nova etapa evangelizadora” (EG, n. 1), que é a expressão de seu “estado permanente de missão” (DAP, n. 551; EG, n. 25). A reformulação do instituto sinodal se encaixa na intenção do Papa de fazer que todas as estruturas da Igreja “se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta” (EG, n. 27). A partir da missionariedade, cada bispo tem uma responsabilidade pela Igreja particular e pela Igreja universal (EC, n. 2).

2. “O Bispo é, simultaneamente, mestre e discípulo. É mestre quando dotado duma assistência especial do Espírito Santo [...]. Mas é também discípulo, quando ele, sabendo que o Espírito é concedido a cada batizado, se coloca à escuta da voz de Cristo que fala através de todo o Povo de Deus” (EC, n. 5). O conjunto do povo de Deus não pode enganar-se na fé: “O *sensus fidei* impede uma rígida separação entre *Ecclesia docens* e *Ecclesia discens*”, entre Igreja mestra e Igreja discípula. “Também o Rebanho possui a sua intuição para discernir as novas estradas que o Senhor revela à Igreja” (Fr. DS), na qual todos os batizados são alunos e mestres. “Para os discípulos de Jesus, [...] a única autoridade é a autoridade do serviço, o único poder é o poder da cruz” (Fr.DS). E essa autoridade do serviço se realiza nos três níveis de uma “Igreja toda sinodal” (Fr.DS): nas Igrejas particulares, nas Conferências Episcopais e na Igreja universal, ou dito de modo mais simples: nas comunidades e paróquias, nas dioceses e no Vaticano.

3. “O caminho sinodal começa por escutar o povo, que participa também da função profética de Cristo. [...] O que todos atinge, de todos deve ser tratado” (Fr.DS). “Igreja e Sínodo são sinônimos” (Fr.DS). “O bispo que vive no meio dos seus fiéis mantém os ouvidos abertos para escutar” (EC, n. 5). “Precisamos nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir” (EG, n. 171). Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta recíproca, “onde cada um tem algo a aprender” (EG, n. 171) e onde todos vivem “à escuta do Espírito Santo” (EG, n. 171).

O Sínodo dos Bispos deve tornar-se cada vez mais um instrumento privilegiado de escuta do Povo de Deus: Para os Padres sinodais, pedimos do Espírito Santo, antes de mais nada o dom da escuta: escuta de Deus, até ouvir com Ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade de Deus que nos chama (EC, n. 6).

“O Sínodo não vive separado do resto dos fiéis. Pelo contrário, é um instrumento adequado para dar voz a todo o Povo de Deus” (EC, n. 6).

4. Na preparação das assembleias sinodais, “a consulta de todas as Igrejas particulares” deve receber uma “especial atenção” (EC, n. 7). As questões que devem ser tratadas no sínodo devem ser definidas por todos: presbíteros, diáconos, fiéis leigos, religiosos e religiosas, organismos de participação eclesial (EC, n. 7), porque é “a totalidade do povo de Deus que evangeliza” (EG, n. 17c). Embora sendo o sínodo normalmente um órgão consultivo, não impede a ação do Espírito, que é a alma da Igreja (EC, n. 7).

5. A EC dá especial atenção à fase da aplicação das conclusões sinodais que precisam ser inculturadas, quer dizer, regionalizadas. “A expressão da verdade pode ser multiforme” (EG, n. 41). “O processo sinodal tem não apenas o ponto de partida, mas também o seu ponto de chegada no povo de Deus” (EC, n. 7; Fr.DS). O Sínodo e o Papa não devem emitir ordens rígidas para sua aplicação. Exige-se um discernimento territorial e “uma salutar `descentralização`” na aplicação das conclusões da Assembleia Sinodal (EC, n. 7; EG, n. 16). O Papa não vai substituir a voz dos povos e episcopados da Amazônia. Ele espera propostas corajosas dos atores da região. Dos episcopados e povos de outros continentes e regiões se espera que não insistam em conceitos de uma universalidade uniforme, com uma compreensão estreita face às possibilidades de expressar os conteúdos essenciais da fé em vasos culturais diferentes. Perguntado sobre sua visão da unidade da Igreja, Francisco respondeu: “Devemos caminhar unidos nas diferenças. Não há outro caminho para nos unirmos. Este é o caminho de Jesus” (SPADARO, 2013, p. 24). Também o papado e as estruturas centrais da Igreja universal precisam, segundo Francisco, ouvir esse apelo a uma conversão pastoral. “[...] Uma centralização excessiva, em vez de ajudar, complica a vida da Igreja e sua dinâmica missionária” (EG, n. 32).

Como se pode perceber, a sinodalidade toca hoje em pontos nevrálgicos da Igreja católica: ministerialidade, colegialidade, ecumenismo, magistério hierárquico partilhado com o povo de Deus, autoridade como serviço, exercício e conversão do papado (Fr.DS; EG, n. 32).

## *2 Missionariedade como relevância*

Depois da metodologia sinodal, o segundo fio desse cabo marítimo para puxar o barco de São Pedro pelas águas agitadas da Amazônia e do século XXI é a “missão”, pela qual a Igreja precisa mostrar sua relevância através de sua presença e do seu anúncio na Amazônia para o mundo atual. Esse “processo de reforma missionária”, escreveu o Papa dois anos mais tarde, está “ainda pendente” (LS, n. 3). Os verbos preferenciais de Francisco, para caracterizar a visão de uma Igreja que é por sua natureza missionária (AG, n. 2; DAp, n. 347), são: abrir, sair, caminhar, converter (transformar), priorizar, despojar e diversificar na unidade do Espírito Santo. A relevância exige uma “santa ousadia de buscar novos caminhos” (EG, n. 288). Embora a exigência de uma “santa ousadia” possa nos assustar, “seria um erro considerá-la uma heroica tarefa pessoal, dado que ela é [...] obra de Deus. [...] Esta convicção permite-nos manter a alegria no meio de uma tarefa tão exigente e desafiadora [...]. Pede-nos tudo, mas ao mesmo tempo dá-nos tudo” (EG, n. 12). “Na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento. [...]. A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros” (EG, n. 10).

No contexto do “Sínodo para a Amazônia”, a opção missionária é uma opção por uma “Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena” (Fr.PM), e, em função desse novo rosto, é a opção por uma Igreja “em saída” (EG, n. 20-23). A Igreja “em saída” encontra obstáculos. A saída exige “prudência e audácia” (EG, n. 47), “coragem” (EG, n. 33, 167, 194) e “ousadia” (EG, n. 85, 129). O modelo dessa missionariedade é a itinerância do próprio Jesus.

“Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de «saída»” (EG, n. 20), lembrada pela *Evangelii gaudium*.

Abraão aceitou o chamado para partir rumo a uma nova terra (Gn 12,1-3). Moisés ouviu o chamado de Deus: 'Vai; Eu te envio' (Ex 3,10), e fez sair o povo para a terra prometida (Ex 3,17). A Jeremias disse: 'Trás aonde Eu te enviar' (Jr 1,7). Naquele «ide» de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária (EG, n. 20).

Essa saída tem um duplo sentido, primeiramente um sentido geográfico, sair para as periferias do mundo, e depois um sentido metafórico, abandonar o imobilismo, rever a cristalização que prende as expressões vivas da nossa fé. Discernir entre tradição e tradicionalismo exige que todos sejam

ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades. Uma identificação dos fins, sem uma condigna busca comunitária dos meios para alcançá-los está condenada a traduzir-se em mera fantasia (EG, n. 33).

Tudo isso será relevante para as conclusões do Sínodo para a Amazônia, porque cabe ao sínodo “colaborar na construção de um mundo capaz de romper com as estruturas que sacrificam a vida e com as mentalidades de colonização para construir redes de solidariedade e interculturalidade” (DPr, n. 4), e assim “aprofundar o processo de inculturação” (EG, n. 126). Em seu discurso durante o “Encontro com os Povos da Amazônia”, em Puerto Maldonado/Peru (Fr.PM), o Papa Francisco constatou que, “provavelmente, nunca os povos originários amazônicos estiveram tão ameaçados nos seus territórios como o estão agora”. Estão em perigo de perder seus territórios “por novos colonialismos [...] mascarados de progresso” (Fr. PM) e “pelo paradigma histórico que considera a Amazônia como uma despesa inesgotável dos Estados, sem ter em conta os seus habitantes” (Fr.PM). E os bispos das Comissões Episcopais sobre a Pastoral entre os Povos Originários repercutiram a dramática situação em que os povos indígenas vivem neste continente com as seguintes palavras:

Com dor constatamos que estes povos estão sofrendo em todos os países uma situação de desprezo, marginalização e até criminalização. Frequentemente são desalojados de seus territórios tradicionais, o que os obriga migrar para zonas urbanas, onde sofrem o despojo de sua dignidade e seu direito de ser diferentes [...]. O sistema neoliberal globalizado oprime rapidamente qualquer



pequena alternativa emergente. Existe pouco espaço para que os Povos Originários possam contribuir com a grande riqueza de seus valores humanos que desenvolveram e mantêm durante milênios, resistindo a toda classe de colonização, invasão ou dominação (MF).

As declarações de independência de povos outrora colonizados não eliminaram o perigo de recolonizações políticas, culturais e religiosas. A busca da descolonialidade teológico-pastoral é um processo permanente. A proximidade dos povos amazônicos com uma Igreja em busca de sua plena pós-colonialidade será uma boa notícia. A evangelização em chave pós-colonial forja teologias no plural, reconhece a alteridade do outro e a autonomia do pobre como um bem do Criador e dom do Espírito Santo. A bandeira pós-colonial insere a Igreja num movimento contra-hegemônico, no qual se partilham as lutas pela preservação da vida, o empenho pela redução do sofrimento e a vigilância face à alienação oferecida pelos aliciamentos do mercado e da mídia.

A missão propõe a todos os batizados serem “fermento de Deus no meio da humanidade” (EG, n. 114), que sempre se empenhem em busca de “respostas que encorajem, deem esperança e novo vigor para o caminho” (EG, n. 114) do povo de Deus. Isso exige concentrar-se “no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário” (EG, n. 35). “As elaborações conceituais não de favorecer o contato com a realidade que pretendem explicar, e não nos afastar dela” (EG, n. 194). Quando os autores do Novo Testamento reduzem a mensagem cristã “a uma última síntese, ao mais essencial, apresentam-nos a exigência irrenunciável do amor ao próximo: ‘Quem ama o próximo cumpre plenamente a lei’” (EG, n. 161).

O que significa, na Amazônia, essa redução do querigma a uma “última síntese”? Também para a Amazônia vale que a Igreja cumpra a sua missão quando se torna “o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho” (EG, n. 114). Essa “última síntese” terá um nome: “Igreja com rosto amazônico”, o que significa libertar o povo de Deus de todas as formas de alienação e neocolonialismo, que destroem sua biodiversidade, sua liberdade e dignidade pela imposição de modelos culturais (religiosos, educativos, econômicos, políticos) estranhos à sua vida. Cabe aos padres sinodais “aprofundar o processo de inculturação” (EG, n. 126) [79] e denunciar profeticamente as situações de injustiça no mundo e na região (EG, n. 66).

As grandes distâncias geográficas e culturais na Amazônia produziram também grandes distâncias pastorais. O mistério da encarnação e a prática pastoral da inculturação devem guiar a superação real dessas distâncias. Novas tecnologias (carros, canoas com motores sofisticados e internet) exercem um papel secundário nessa superação das distâncias geográficas, culturais e pastorais.

O “Documento de Aparecida”, de 2007, descreve a defasagem entre exigências e realidades pastorais assim:

O número insuficiente de sacerdotes e sua não equitativa distribuição impossibilitam que muitíssimas comunidades possam participar regularmente na celebração da Eucaristia. Recordando que a Eucaristia faz Igreja, preocupa-nos a situação de milhares dessas comunidades privadas da Eucaristia dominical por longos períodos (DAp, n. 100e; DPr, n. 64).

A carência eucarística afeta mistérios centrais da vida cristã: a comunhão trinitária na Igreja “tem seu ponto alto na Eucaristia, que é princípio e projeto da missão do cristão” (DAp, n. 153). Como as comunidades na Amazônia podem “viver sua fé na centralidade do mistério pascal de Cristo através da Eucaristia, de maneira que toda a sua vida seja cada vez mais vida eucarística” (DAp, n. 251)? Em nome da unidade eclesial, muitas vezes se procurou pagar a centralidade dos mistérios da fé com a moeda da centralização monocultural de sua prática. Espera-se do Sínodo que a Igreja possa gerar processos que respondam às realidades concretas dos povos amazônicos. Não será a motorização das canoas, mas a descentralização ministerial que vai gerar uma maior proximidade entre Igreja e povo. O rosto amazônico e indígena vai fazer justiça à “megadiversidade” (CARNEIRO DA CUNHA, 2019) cultural dos povos que habitam a Pan-Amazônia.

Os “novos caminhos” do sínodo ainda têm que pagar dívidas antigas. O Decreto “*Presbyterorum ordinis*”, do Vaticano II, é taxativo: “Nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter a sua raiz e o seu centro na celebração da santíssima Eucaristia” (PO, n. 6). Espera-se do Sínodo coerência e relevância, coerência com as promessas e afirmações normativas da Igreja e relevância para com os povos originários, a própria humanidade e as futuras gerações. A Amazônia, compreendida como pulmão do mundo, está com pneumonia e “nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos” (LS, n. 53).

### ***3. Ecologia integral como responsabilidade***

O Sínodo para a Amazônia começou, segundo as palavras do Papa, no dia 19 de janeiro de 2018, em Puerto Maldonado, Peru, na hora do seu encontro com os povos da Amazônia. O sínodo representa a continuação prática da “Carta Encíclica *Laudato Si: Sobre o cuidado da Casa Comum*”, dirigida “a cada pessoa que habita neste planeta” (LS, n. 3). Ao dirigir-se aos povos indígenas da região, o Papa se dirigiu a toda a humanidade, porque os desafios dos povos indígenas são também desafios universais. Questões como autodeterminação, descolonização, migração, desemprego e

justiça não podem ser corretamente abordadas sem se considerar também suas raízes ecológicas e a apropriação e poluição indevidas da terra, da água e do ar. “Não basta falar apenas da integridade dos ecossistemas; é preciso ter a coragem de falar da integridade da vida humana, da necessidade de incentivar e conjugar todos os grandes valores” (LS, n. 224).

“Quis vir visitar-vos e escutar-vos”, disse o Papa no encontro de Maldonado, “para [...] solidarizarmo-nos com os vossos desafios” (Fr.PM). A “ecologia integral” é um projeto de vida para futuro de toda a humanidade. No “uso irresponsável” dos bens da Terra, pensando “que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la” (LS, n. 2) se espelha “uma profunda e melancólica insatisfação nas relações interpessoais” (LS, n. 47). As teses centrais da *Laudato Si'* são: “O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social” (LS, n. 48). “Nós mesmos somos terra” e, “entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida” (LS, n. 2) e os oprimidos da terra. “Uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS, n. 49).

O zelo pelas culturas e o cuidado com a terra e a ecologia fazem parte do processo de evangelização. “Tudo está interligado” (LS, n. 16, 91, 117, 138, 240) é a grande insistência de Francisco para facilitar o diálogo com as raízes espirituais das grandes tradições religiosas e culturais” (DPr, n. 72). Os novos caminhos convidam para um novo estilo de vida de “sobriedade feliz” (LS, n. 224), que assume a mística da interligação e interdependência de tudo o que foi criado. Interligados são a mãe Terra e toda a humanidade, as religiões e os sonhos.

O Papa veio também a Puerto Maldonado para incentivar a autodeterminação dos povos indígenas, na Igreja e na sociedade: “Ajudai os vossos bispos, ajudai os vossos missionários e as vossas missionárias [...] e assim, dialogando com todos, podeis plasmar uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena” (Fr.PM). Desde aquela memorável visita e escuta do Papa Francisco em Porto Maldonado, aconteceram muitas visitas e escutas em todas as circunscrições eclesiais do território pan-amazônico. A Rede Eclesial Pan-Amazônica/REPAM organizou quatro fóruns temáticos em toda a Pan-Amazônia e mais de 20 Assembleias Territoriais pré-sinodais que reuniram, em cada país amazônico, duas ou mais dioceses, vicariatos ou prelazias de “novos caminhos” para a evangelização daquela região com seus desafios específicos. As sínteses de todas essas escutas estão sendo preparadas para configurar o Documento de Trabalho, que se espera até o final do mês de junho de 2019, e que vai servir como subsídio aos membros do próprio Sínodo em outubro.

São os moradores batizados de cada região que devem plasmar o rosto de sua Igreja local que se expressa em sua prática sacramental, estrutura ministerial e reflexão teológica: “É bom que agora sejais vós próprios a autodefinir-vos e a mostrar-nos a vossa identidade. Precisamos de vos escutar” (Fr.PM), escutar a nova leitura histórica do seu passado e a explicação antropológica de sua visão de mundo, de seus costumes e suas tradições milenares.

“Aceitemos”, pede Francisco, “com alegria o dom específico do outro ou da outra, obra de Deus criador” (LS, n. 155). O que vale para cada ser humano, vale também para as culturas, que são projetos de vida que refletem a evolução de “uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus” (LS, n. 69). A bondade de Deus “não pode ser convenientemente representada por uma só criatura” (LS, n. 86) ou uma só cultura. Segundo Tomás de Aquino, há uma supressão recíproca das lacunas entre culturas e pessoas (LS, n. 86). A interdependência e complementariedade de tudo que foi criado e inserido na história natural, deslegitimam propostas de uma universalidade monocultural.

Ao empenhar-se na descoberta de uma Igreja com rosto amazônico, o sínodo vai “refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia” (LS, n. 225). Sua “presença não precisa ser criada, mas descoberta, desvendada” (EG, n. 71) e acreditada. Plasmar, em nome da unidade e universalidade uma Igreja sem rosto local em sua prática sacramental, estrutura ministerial e reflexão teológica, significaria novamente perder o *kairós* para a construção de uma Igreja pós-colonial. Uma teologia da criação será sempre uma teologia de sujeitos e causas emergentes capaz de desconstruir a colonialidade teológica de suas respectivas Igrejas. A Igreja universal não é uma entidade virtual que paira acima de Igrejas locais. A Igreja universal aparece na articulação das Igrejas e causas locais, o que não afeta a unidade na fé vivida em sua diversidade cultural. O conceito de universalidade teológico-ecclesial é transversal, e, a partir de diferentes causas da humanidade, enraizado em teologias específicas e regionais (teologias indígenas, afro-americanas, feministas; teologias da terra e da água, releituras bíblicas).

## **Conclusão**

A consciência da contradição entre a defesa da justiça e a denúncia da violação de direitos humanos, como foi praticada por setores da Igreja, e as próprias estruturas autoritárias e coloniais desencadearam um processo dolorido e inacabado de meio século de transformações e lutas internas da própria Igreja. Na origem da Igreja com “rosto amazônico” e da “ecologia integral” (LS, n. 137-162) estão os gritos dos colonizados, de suas vidas

mutiladas e histórias silenciadas, mas também os gritos da natureza que Deus nos quer fazer ouvir. A Igreja com “rosto amazônico” vai procurar nas próprias raízes dos povos aborígenes as soluções para seu futuro, articulando a emancipação política com a identidade cultural.

O desafio desse “Sínodo para a Amazônia”, quiçá, pode ser sintetizado através da pergunta: “Como ser Igreja não apenas moderna e modernizada lutando por justiça e participação, mas também pós-colonial, com rosto amazônico e indígena?” O ser pós-colonial, no plural das culturas, faz parte da modernidade. Impulsos e inspirações importantes para essa modernidade descolonizada se encontram na caminhada eclesial latino-americana, na caminhada de suas comunidades (Comunidades Eclesiais de Base), de sua teologia (Teologia da Libertação), das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano (Medellín, 1968; Puebla, 1979; Santo Domingo, 1992; Aparecida, 2007) e dos seus mártires que lutaram por justiça e alteridade.

Cabe à Igreja não somente contestar a modernização conservadora e colonizadora do Estado e a violência do modelo desenvolvimentista, mas continuar o processo de transformação das próprias estruturas pré-modernas, colonizadoras e autoritárias. A Igreja que, nas questões da justiça, paz, migração e ecologia, com certa desenvoltura bem-sucedida se movimenta nas macroestruturas do mundo, com o paradigma da sinodalidade pode avançar no aprendizado e na assunção dos dialetos e projetos de vida culturais de suas comunidades, o que significará um passo gigante no caminho da descolonização. Em última instância, quem vai libertar a Amazônia de sua exploração extrativista e consumista orientada para mercados externos será a própria população da Amazônia, uma população não com máscaras, sonhos alienados e desejos primeiro-mundistas, mas com esperanças incubadas em sua história, suas lutas e projetos de vida.

O Sínodo para a Amazônia com sua proposta de repensar a eclesialidade a partir de sua regionalidade territorial e subjetividade plural, pode-se constituir pedra de tropeço para as práticas coloniais ainda em curso. Para alcançar esse objetivo precisa refundar um novo conceito de universalidade que permite comunicação e ação entre diferentes em torno de uma causa e serviços comuns, assumidos na solidariedade partilhada. Nesta perspectiva, a sinodalidade é a concretização doutrinal da “Igreja em saída” (EG, n. 20-23). O catecismo da Igreja sinodal corrige as tendências monoculturais, autoritárias e clericais, ensinando a caminhar unidos na diversidade, na autoridade do serviço (EG, n. 104, 133) e na “dignidade do povo de Deus” (EG, n. 51). Descolonizar tem sempre um múltiplo significado: interromper a exploração econômica, transformar a intervenção política em verdadeiras práticas democráticas de participação e reverter as imposições culturais. O Sínodo de 2019 terá a oportunidade de romper com a distância pastoral e geográfica de seus ministros consagrados, que

é uma das causas da continuidade da “razão colonial” com seus fenótipos de autoritarismo, fundamentalismo, etnocentrismo e universalismo monocultural. A metamorfose do rosto romano da Igreja em rosto amazônico e indígena, através da escuta, da descentralização e da inculturação, permitirá uma maior presença local e um melhor reconhecimento da alteridade e diversidade em sua organização estrutural, em suas opções ministeriais e celebrações sacramentais.

A luta dos povos indígenas por seus projetos de vida incorpora uma nova racionalidade de esperança no mistério da vida: uma racionalidade evangélica articulada com simplicidade, sobriedade, veracidade e solidariedade. Em suas utopias culturais que se somam aos projetos de vida de outros grupos sociais, os povos indígenas convidam a humanidade a suspender a marcha ao abismo ecológico e a abandonar a prisão das necessidades alienantes que emergem do prazer da acumulação, do consumismo e da aceleração. Os povos indígenas da Amazônia convidam todos que falam em nome do Evangelho de Jesus a fazer do sonho da liberdade, da proximidade e da fraternidade os “novos caminhos” de sua prática cristã.

### *Siglas*

- AG = Decreto *Ad Gentes*
- AL = Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*
- DAP = Documento de Aparecida
- CIT = Comisión Teológica Internacional
- DPr = Documento Preparatório do “Sínodo para a Amazônia”, Cidade do Vaticano
- EC = Constituição apostólica *Episcopalis Communio*
- EG = Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*
- Fr.DS = Francisco no Discurso Sinodal na comemoração do 50.º da instituição do Sínodo dos bispos
- Fr.PM = Francisco no Encontro com os povos da Amazônia, Puerto Maldonado
- LG = Constituição Dogmática *Lumen Gentium*
- LS = Carta encíclica *Laudato Si'*
- MF = Mensaje final do Seminário Latinoamericano sobre Pastoral en los Pueblos Originarios
- PO = Decreto *Presbyterorum Ordinis*

## Referências

AMAZÔNIA: *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*. Documento preparatório do Sínodo dos Bispos para a Assembleia Especial sobre a Região Panamazônica. *Bollettino [della] Sala Stampa della Santa Sede*, Vaticano, Viernes 06.08.2018. Disponível em: <<http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/06/08/0422/00914.html#po>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

CASTELLO BRANCO, H. de A. *Integração da Amazônia*. Discurso pronunciado pelo Presidente Humberto de Alencar Castello Branco, no Palácio Lauro Sodré, em Belém, Pará, a 13 de junho de 1965. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/castelo-branco/integracao-da-amazonia-discurso-1965./view>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *La sinodalidad en la vida y en la mision de la Iglesia*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_cti\\_index-doc-pubbl\\_po.html#Documenti](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_index-doc-pubbl_po.html#Documenti)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

CONFERENCIA DEL EPISCOPADO MEXICANO. *Mensaje final del Seminario Latinoamericano de Obispos y Secretarios de Comisiones Episcopales sobre Pastoral en los Pueblos Originarios*. De 05 a 09.11.2018, Bogotá, Colombia. Disponível em: <<https://www.cem.org.mx/CELAM/1924-Seminario-Latinoamericano-de-Obispos-y-Secretarios-de---Comisiones-Episcopales-sobre-Pastoral-en-los-Pueblos-Originarios-.html>> . Acesso em: 15 abr. 2019.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM SOBRE A IGREJA. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

CUNHA, M. C. da. Povos da megadiversidade. O que mudou na política indigenista no último meio século, *Piauí*, São Paulo, n. 148, p. 36, jan. 2019.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *Texto conclusivo da V Confêrencia geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus, Paulinas, 2007.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium do Santo Padre Francisco ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Disponível: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. *Carta encíclica Laudato Sí do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum*. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. *Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos bispos*. Discurso do Santo Padre Francisco. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco\\_20151017\\_50-anniversario-sinodo.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia do santo Padre Francisco aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas, aos esposos cristãos e a todos os fiéis leigos sobre o amor na família*. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. *Viagem apostólica do Papa Francisco ao Chile e a Peru (15-22 de janeiro de 2018)*. Encontro com a população. Discurso do Santo Padre. Puerto Maldonado – Instituto Jorge Basadre. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco\\_20180119\\_peru-puertomaldonado-popolazione.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180119_peru-puertomaldonado-popolazione.html)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. *Viagem apostólica do Papa Francisco ao Chile e a Peru (15-22 de janeiro de 2018)*. Encontro com os povos da Amazônia. Discurso do Santo Padre. Puerto Maldonado – Coliseu Madre de Dios. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco\\_20180119\\_peru-puertomaldonado-popoliamazonia.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180119_peru-puertomaldonado-popoliamazonia.html)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. *Constituição apostólica Episcopalis Communio sobre o Sínodo dos Bispos*. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_constitutions/documents/papa-francesco\\_costituzione-ap\\_20180915\\_episcopalis-communio.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20180915_episcopalis-communio.html)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

PAULO VI, Papa. *Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_ad-gentes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. *Decreto Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida dos sacerdotes*. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_presbyterorum-ordinis\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html)>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SPADARO, A. *Entrevista exclusiva do Papa Francisco ao Pe. Antonio Spadaro, SJ*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

Artigo submetido em 23.01.2019 e aprovado em 30.03.2019.

**Paulo Suess** (Guenter Heinz Suess) é doutor em Teologia Fundamental pela Universidade de Muenster, Alemanha, e doutor *honoris causa* pelas Universidades de Bamberg e Frankfurt am Main. A partir de 1966 trabalhou na pastoral da Amazônia. Posteriormente foi secretário-geral do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e presidente da Associação Internacional para Estudos da Missão (*International Association for Mission Studies – IAMS*). É um dos fundadores da Pós-Graduação em Missiologia, em São Paulo (1988), hoje articulada com a PUC de Curitiba. Atualmente é assessor teológico do Cimi e um dos peritos do “Sínodo para a Amazônia” (2019). Orcid.org/0000-0002-0458-2592. E-mail: suesspaulo@gmail.com

**Endereço:** C.P. 46-023  
CEP 04045-970 São Paulo – SP